

Estudos Queer e Secretariado: refletindo sobre percepções generificadas e hipersexualizadas na área secretarial

Queer studies and Secretarial: reflecting on gendered and hypersexualized perceptions in the secretarial field

Mábia Camargo¹ 

¹ Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (Unicentro), Brasil, Doutora em Linguística Aplicada (UFRJ), docente do curso de Secretariado Executivo (Unicentro), e-mail: camargomabia@gmail.com

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo compreender como acadêmics do curso de Bacharelado em Secretariado Executivo da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO) criam inteligibilidade sobre noções de gêneros e sexualidades em relação a sua atuação profissional. A abordagem aplicada para análise é quanti-qualitativa de cunho bibliográfico e exploratório. Os resultados foram analisados a partir de 5 eixos teórico-analíticos com base nas respostas de 28 questionários. O primeiro eixo tratou das atividades técnicas e tático-operacionais de assessoramento e sua relação com a produção de práticas de reiteração de estereótipos. Os dados apontaram para os obstáculos epistemológicos do empirismo e da natureza aplicada do campo científico do Secretariado como problema crucial para a produção de discursos que estigmatizam a área. O segundo eixo problematizou alguns estereótipos em relação às técnicas secretariais e como as atividades tecnicistas possibilitam que discursos de insultos e preconceitos à área sejam recorrentes nas percepções dxs participantes da pesquisa, como mostra o terceiro eixo de análise. No quarto eixo problematizei como preconceitos e insultos produzem subjetividades generificadas e isso ajudou a problematizar a hipersexualização dos corpos que atuam na área secretarial. No quinto eixo articulo os Estudos Queer ao Secretariado, entendendo-os enquanto campos de saber-poder profícuos para os estudos de gênero e sexualidades não-normativas. Além disso, o processo de construção de uma inteligibilidade transgenerificada interseccionalmente pode contribuir para produções não excludentes e reflexões mais condizentes com as demandas científicas, epistêmicas e políticas, ainda carentes no campo do secretariado.

Palavras-chave: Secretariado; Estudos Queer; Gêneros e Sexualidades.

ABSTRACT

The research aimed to understand how students from the Bachelor's Degree in Executive Secretariat, of Midwestern Parana State University (UNICENTRO) create intelligibility about notions of genders and sexualities in relation to their professional performance. The applied approach to conduct the analysis is quantitative and qualitative with a bibliographic and exploratory nature. The results were analyzed from 5 theoretical-analytical axes based on the responses of 28 questionnaires. The first axis dealt with technical and tactical-operational advisory activities and their relationship with the production of stereotypic reiteration practices. The data pointed to the epistemological obstacles of empiricism and the applied nature of the Secretarial scientific field as a crucial problem for the production of the stigmatization of the field. The second axis problematized some stereotypes in relation to secretarial techniques and how technical activities help produce speeches of insults and prejudices to the area which are recurrent in the perceptions of the participants of the research, as shown in the third axis of analysis. In the fourth axis, I problematized how prejudices and insults produce gendered subjectivities and this helped problematize the hypersexualization of bodies that work in the secretarial area. In the fifth axis, I articulate Queer Studies to Secretarial, understanding them as fruitful fields of knowledge-power for gender studies and non-normative sexualities. In addition, the process of building a transgenerated intelligibility interseccionally can contribute to non-exclusive productions and reflections more consistent with the scientific, epistemic and political demands, still lacking in our area.

Keywords: Secretarial; Queer Studies; Genders and Sexualities.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo do trabalho¹ é compreender como performativamente acadêmicxs² do curso de Bacharelado em Secretariado Executivo da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO) criam inteligibilidade³ sobre noções de gêneros e sexualidades em relação à atuação profissional no campo do secretariado.

Dito isso, parto da reflexão de que ao utilizarmos diferentes sistemas de significação e reconhecimento social, como as definições de gêneros (masculino e feminino) e as denominações (você é mulher / você é homem), entramos em uma dinâmica de classificação e construção identitária (BORBA, 2014). Tal dinâmica é sustentada por um sistema binário e heteronormativo, entendido como “matriz de inteligibilidade de gênero” (BUTLER, 1990, p.44), que insiste em hierarquizar os sujeitos com base em noções de normalidade – sobre quais gêneros são considerados normais – e produzir exclusões – sobre aqueles que são considerados desviantes.

Nesse sentido, os Estudos/Teorias *Queer* se voltam para a problemática da normalização e da regulação dos corpos, dado que a normalização é forjada no interior de instituições e discursos. Assim, entende-se que sexualidade e identidade são construções sócio-históricas produzidas pelos usos que fazemos da linguagem (BUTLER, 1990). A linguagem então cria o gênero e a sexualidade (e não apenas isso), e atua legitimando discursos que determinam o que é considerado natural e normal, diferenciando e excluindo o que (e quem) desobedece à tais normativas.

As Teorias *Queer* se voltam para a investigação dos mecanismos sociais e culturais de classificação e construção dos gêneros e das sexualidades. A relevância em estabelecer um diálogo com as contribuições situadas no campo dos Estudos/Teorias *Queer* em relação ao Secretariado Executivo é justificada pelo fato de haver práticas de assujeitamento, estereótipos

¹ Sou grata ao comitê científico da ABPSEC pela menção honrosa atribuída à primeira versão deste texto, no VI Encontro Nacional Acadêmico de Secretariado Executivo (ENASEC), que aconteceu de 30 de outubro a 1º de novembro de 2019, na Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.

² Ao referi-me ao gênero gramatical, utilizarei o X como a variável mais coerente para trabalhar graficamente “inovações linguísticas imundiçadas” (BORBA; LOPES, 2018, p. 259) a fim descartar o masculino genérico das normativas gramaticais.

³ A noção de inteligibilidade está relacionada ao conceito de “matriz de inteligibilidade de gênero” ou “matriz heterossexual” (BUTLER, 1990, p. 44); e corresponde aos processos sociais de construção e organização das identidades de gêneros e sexualidades. De acordo com essa matriz, sexo, gênero e prática sexual, em sua estabilidade e continuidade, conferem aos corpos significados de normalidade e/ou desvio da heteronormatividade.

e visões equivocadas (BARROS; IZQUIEL; SILVA, 2011) sobre as atividades que envolvem as assessorias.

As práticas estereotipadas se acentuam no campo de atuação tático-operacional, o qual remete-se às rotinas de um escritório. Tais práticas indicam que noções de gêneros e sexualidades demandam de reflexão, tendo em vista que percepções generificadas do dito feminino e masculino são recorrentes em pesquisas na área secretarial (NONATO JÚNIOR, 2009; BOLZAN, 2010; MEDEIROS; HERNANDES, 2010; SCHULTZ *et al.*, 2015) e, talvez, estejam relacionadas aos desafios epistemológicos, metodológicos e políticos ainda latentes neste campo.

As perguntas que orientaram esta pesquisa indagaram como performativamente futurxs profissionais da área de secretariado, no caso, acadêmicxs do curso, criam inteligibilidade sobre noções de gêneros e sexualidades e como isso afeta a produção de suas identidades profissionais? E, ainda, como as noções de gêneros e sexualidades ajudam a criar inteligibilidade sobre o próprio secretariado enquanto área do saber?

Aliada aos Estudos *Queer*, procuro embasar esta discussão a partir de uma reflexão sobre as noções de linguagem, identidade e norma(lidade), entendendo que as categorias de gêneros e as sexualidades (e não apenas estas) são produzidas com base nos usos que fazemos da linguagem. Podemos criar identidades conformadas por normatizações acerca do que pode ou não ser aceito socialmente, do mesmo modo que podemos contestar as normas sociais que determinam e regimentam tais produções (BUTLER, 1990).

Para prosseguir a discussão, a noção de performatividade (BUTLER, 1990) é crucial, no sentido de questionar uma visão tradicional de língua(gem) entendida como expressão da subjetividade pelo seu suposto caráter descritivo ou representativo. O viés *Queer*, por outro lado, entende que a performatividade problematiza noções de poder e controle acerca de discursos produtores das subjetividades, mostrando como estas noções são discursiva e contextualmente construídas.

Desta forma, a normatividade está relacionada à produção de sentidos a partir de categorias identitárias, como as de gênero, sexualidade, classe, raça, etnia, profissão etc., e é pela norma que noções de poder (dominação e assujeição) estão presentes nas negociações linguísticas e, são, geralmente, conformadas por uma disputa entre quais discursos são considerados legítimos e quais não são. Estes embates envolvem múltiplas produções discursivas, as quais ocorrem em diferentes escalas de sentidos, conferindo legitimidade e/ou desobediência à norma, o que produzirá cadeias de significação e de reconhecimento social

distintas, e por conseguinte, grupos sociais diferentes, como ocorre entre grupos marginalizados e dominantes (HIRAMOTO, 2015).

Ao focalizar grupos considerados desviantes, os Estudos *Queer* ajudam a compreender como as normatividades, em especial as sexuais, são linguisticamente forjadas nas interações, isto é, as normatividades, assim como as identidades, são compreendidas como práticas discursivas (MOITA LOPES, 2013). A linguagem em uso, ou seja, as práticas discursivas e os contextos em que elas ocorrem são produzidos por meio de repertórios linguísticos que mobilizamos ao usar uma língua(gem) e podem subsidiar análises que ajudam a problematizar questões cruciais da vida social, indicando como fatores econômicos, orientações políticas, filosóficas, artísticas etc., em diferentes modos de comunicação, influenciam na produção de subjetividades (*op cit*).

Para melhor compreender estas noções, volto-me a construção do referencial teórico que embasa este estudo, discutindo as questões de gêneros e sexualidades pelas perspectivas *Queer*, tecendo um diálogo com a área do Secretariado Executivo; depois, centro-me na questão da metodologia da pesquisa e, em seguida, na última seção, considerando as contribuições das protagonistas da mesma, procedo à análise dos resultados e às considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O Secretariado enquanto campo de estudo tem por tradição epistemologias generificadas sobre o trabalho exercido pelxs profissionais dessa área (NONATO JÚNIOR, 2009). Por esse motivo, é comum nos depararmos com apriorismos ou pressuposições, muitas vezes, preconceituosas a respeito de nossa atuação profissional devido a circulação de discursos machistas, homofóbicos e/ou transfóbicos recorrentes, ou seja, assunções equivocadas sobre quem são os sujeitos protagonistas do secretariado na contemporaneidade.

Este cenário é profícuo para articular os Estudos *Queer* ao campo do Secretariado. Os Estudos *Queer* aliados à crítica feminista ou ao pós-feminismo, conduzida principalmente por Butler (1990), dentre outrxs, inauguram os debates que possibilitam o afastamento de ideais universalizantes sobre quem somos. Discursos que restringiram o corpo durante séculos, pelas teorizações *Queer* são contestados, constituindo um campo de saber-poder da liberação das sexualidades e da não-identidade, cuja força de atuação está na negação da essencialização das subjetividades e no fortalecimento do debate sobre a política identitária.

As pautas LGBTQIA+⁴ e o Estado, ou seja, a relação entre processos identitários e as demandas por políticas públicas às populações minoritarizadas – a condição minoritarizada ocorre por identificações de gêneros e sexualidades ditas desviantes – constituem as bases que orientam os Estudos/Teorias *Queer*, os quais orientam-se a partir de uma “visão de estrutura e poder descentralizados, relacionais e produzidos pela ação humana, a rejeição de qualquer forma de essencialismo, a identidade como performance identitária, a rejeição a qualquer categoria de representação e a ênfase na diferença” (LEÓN, 2012, p.222). Volto-me atenção aos essencialismos e a construção de identidades generificadas no âmbito da atividade profissional do Secretariado Executivo.

Os Estudos *Queer* estão em afinidade com o pensamento de Foucault (1988) ao problematizar a analítica da normalidade. É sabido que, tradicionalmente, a sexualidade é vista como um aspecto “natural” da vida humana e, pode-se dizer que, ela foi reprimida na sociedade a partir do século XVII. No entanto, de acordo com o autor mencionado, a sexualidade nunca esteve guardada, esperando por ser libertada das amarras sociais; os seus estudos apontavam que não havia de fato a proibição acerca da sexualidade, pelo contrário, a proliferação de discursos sobre a mesma é a marca pujante da nossa sociedade (SPARGO, 2006).

Discursos estes normalizadores sobre o que pode o desejo desejar. De acordo com Foucault (1988) a sexualidade não tem origens biológicas, mas históricas, sociais e culturais, isto é, ela é construída na experiência vivida. A preocupação central do autor não estava na busca da verdade sobre a sexualidade, mas em problematizar os discursos que a produzem, buscando compreender como a sexualidade funciona na sociedade. Em outras palavras, os estudos foucaultianos possibilitam pensar as maneiras pelas quais somos incitadx's a produzir um saber sobre nossa sexualidade discursivamente.

Assim, orientados pelos estudos foucaultianos, os Estudos *Queer* enfatizam a maneira como o poder opera ao enquadrar os sujeitos em categorias de identificação, fixando-os às normas sociais. A sexualidade, então, ao invés de ter sido reprimida e aniquilada nas sociedades, em Foucault (1988), ela é produtora de saberes, os quais constroem os sujeitos criando-os e configurando-os de acordo com os discursos hegemônicos vigentes. “Ao se falar, teorizar, ou ainda legislar sobre sexo, cria-se a sexualidade, inserindo o desejo em um regime de verdade no qual se privilegia alguns em detrimento de Outros” (MISKOLCI, 2009, p.326).

Na política, a crítica aos movimentos identitários (feministas, gays, lésbicos ou outros)

⁴ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexo, Assexuais/Agênero e mais.

sob o nome de Judith Butler, apontava para a problemática das normas de enquadramento societário. O corpo e a sexualidade levantam inúmeras indagações sob as políticas de identidades ao deslocarem a noção do eu ontológico para as práticas reguladoras que constituem a identidade por meio de padrões reconhecíveis de inteligibilidade.

Butler surge como a feminista da nova política de gênero, ao mostrar que o sujeito do feminismo não tinha que ser necessariamente a mulher, ou as mulheres. Para ela, a nova política de gênero incluiria sujeitos em desacordo com as normas sexuais e de gêneros como transexuais, travestis e intersexos (BUTLER, 1990). Em suma, o trabalho da filósofa contribui para a reflexão de que as práticas reguladoras que governam a noção de sujeito são as mesmas que governam a noção de gênero, produzindo noções culturalmente inteligíveis de identidade.

Para Foucault (1988) o corpo é o lugar onde estão localizadas as práticas sociais ligadas às macroorganizações de poder. Este diálogo pode ajudar a pensar sobre a produção de corpos e desejos no cerne do Secretariado Executivo, problematizando quais jogos de poder estão envolvidos nas performances de si e dxs outrxs, e como certos discursos nos permitem criar inteligibilidade sobre quem são os sujeitos que estão atuando nas práticas de assessorias.

Novas possibilidades se anunciam, no momento mesmo em que a analítica foucaultiana do poder é amplamente assimilada, tornando mais visíveis e legíveis capturas biopolíticas com as quais as estratégias de controle sobre nossos corpos são produzidas na contemporaneidade (FOUCAULT, [1972] 2016). A fim de ampliar essa perspectiva, à esteira dos Estudos *Queer*, lanço o olhar para a área secretarial tendo como base de dados a perspectiva dxs alunxs. Para isso, proponho pensar, primeiramente, sobre os estereótipos que ainda reverberam em nossa área e que estão intimamente ligados a concepções hegemônicas de entendimento e produção dos corpos, como as normatizações que envolvem noções essencializadas sobre os gêneros ‘feminino’ e ‘masculino’, por exemplo.

Entendo que as normatizações ajudam a criar estereótipos, os quais, por meio dos usos da linguagem, são capazes de manter exclusões, criar novos, ou ainda, subvertê-los. Os efeitos desta repetição podem gerar efeitos demasiadamente violentos para os corpos não-normais (MISKOLCI, 2009). Acredita-se que ao falar sobre postulados estereotipados que envolvem a área secretarial, os estereótipos estão em certa medida criando corpos padronizados, os quais são (re)produzidos a partir de noções equivocadas sobre quem supostamente pode exercer as funções de secretária/secretário.

Os discursos que estereotipam e estigmatizam os corpos são orientados pela matriz de inteligibilidade de gênero e podem produzir condições de inferioridade e dominação, as quais

são impostas especialmente às mulheres no contexto da divisão social do trabalho. É sabido que há a circulação e propagação de discursos pelos quais se afirma o campo do secretariado como sendo predominantemente feminino e/ou *gay*, conferindo a nós, pesquisadorxs da área, o desafio de criar estratégias para enfrentar posicionamentos naturalizados e essencializados sobre as práticas secretariais (BARROS; IZEQUIEL; SILVA, 2011).

Continuando a reflexão, Foucault ([1972] 2016) pauta-se pela potência afirmativa do poder, mostrando como, ao mesmo tempo, uma ação assertiva tem o potencial de modificar posições hierarquizadas e marginalizadas. A noção de poder, de acordo com o autor, envolve as relações entre os sujeitos, ou seja, só há relação de poder quando há alguma medida de liberdade. As disputas por legitimação de discursos podem gerar efeitos excludentes e violentos sob os quais os corpos desviantes são vulneráveis aos efeitos disciplinadores de um tipo de poder hegemônico e essencializante, tornando-os marginalizados e subordinados aos dispositivos de controle social.

Dito isso, acredito que seja possível mudar os cursos da história, especialmente da história secretarial, sobretudo, quando articulamos as teorizações às percepções de quem vive a realidade estudada. Para aprofundar estas noções, na próxima seção, apresento os detalhes metodológicos que orientaram o presente estudo, tendo em vista as contribuições dxs acadêmicxs do curso de Secretariado Executivo da UNICENTRO.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de analisar e refletir sobre os dados produzidos na pesquisa, oriento-me por uma abordagem quanti-qualitativa, de cunho bibliográfico e exploratório. O processo da pesquisa ocorreu em três momentos distintos. Primeiro, a realização do levantamento bibliográfico necessário para respaldar teoricamente as temáticas que envolvem a discussão.

Segundo, a elaboração dos questionários e sua aplicação com xs participantes da pesquisa. Deste modo, apliquei 27 questionários no segundo e no terceiro ano de graduação do curso de Secretariado Executivo da UNICENTRO e um questionário com umx alunx não-binárix (que não é masculino ou feminino) do primeiro ano de graduação do curso, após este alunx, em sala, relatar uma situação de preconceito em relação a sua sexualidade, situação que foi experienciada por elx em uma entrevista de emprego. A abordagem quantitativa ajudou a contabilizar a recorrência de respostas iguais nas questões fechadas, para estas focalizarei a predominância de certos temas, como será discutido adiante.

Terceiro, as respostas abertas contidas nos questionários foram analisadas qualitativamente com base no referencial teórico elaborado na primeira fase da pesquisa. Os questionários foram elaborados com 8 perguntas, sendo 4 fechadas e 4 abertas. Neles, 24 pessoas se definem de acordo com o gênero feminino, 3 masculino e 1 preferiu não identificar a sua identidade de gênero, definindo-se como não-binário.

Quando questionadas se conheciam ou se já haviam ouvido falar em Teorias *Queer*, as respostas do questionário indicaram que 22 pessoas não conheciam as Teorias *Queer*, 4 ouviram falar mas não sabiam explicar, e 2 pessoas responderam que sabiam do que se tratava. Na pergunta 3 do questionário, todas as respostas avaliaram que há a influência das questões de gêneros e sexualidades na área do Secretariado Executivo.

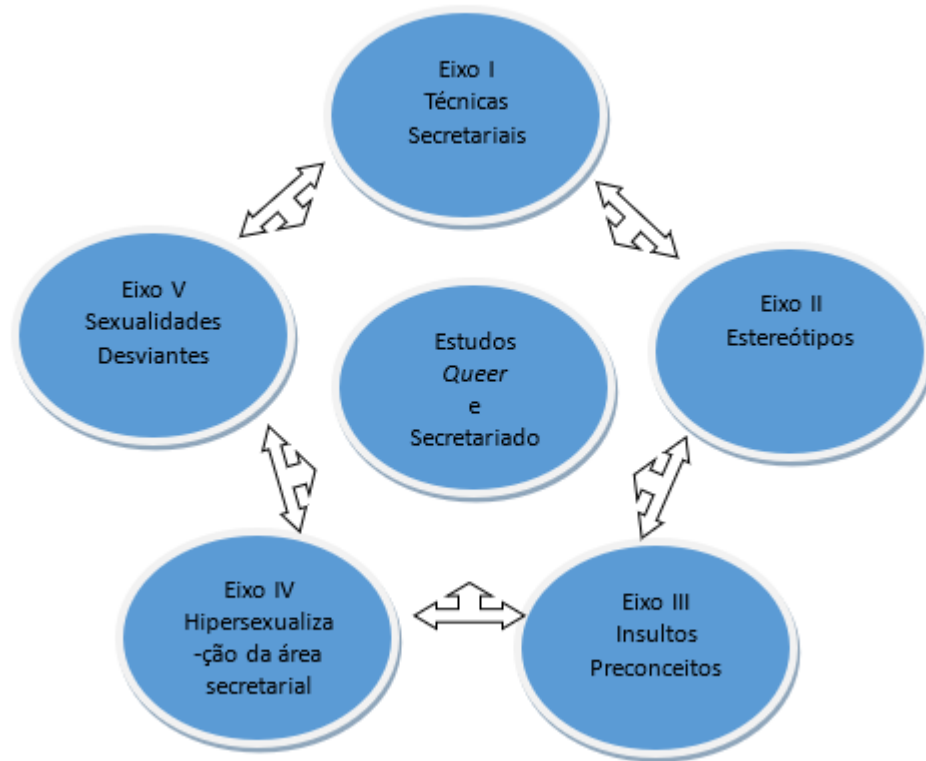
A unanimidade nas respostas levou a realizar uma abordagem relacional entre as duas áreas (Estudos *Queer* e Secretariado). Com base nas respostas geradas por meio dos questionários elaborei um fluxograma, o qual será analisado com maior detalhamento na próxima seção, na análise dos resultados da pesquisa. O fluxograma foi produzido com base nas afinidades teóricas, epistemológicas e políticas entre o Secretariado e os Estudos *Queer*.

Em tempo, xs 28 participantes desta pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, dando ciência e concordância da sua participação na mesma. As identidades dxs participantes foram preservadas e nenhum nome foi citado neste trabalho.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresento, agora, a articulação entre as teorizações apresentadas no referencial teórico (cf. seção 2) em relação as percepções dxs acadêmicxs do curso de Bacharelado em Secretariado Executivo da UNICENTRO. Para tanto, organizei a discussão em eixos temáticos de acordo com a recorrência das respostas nas perguntas de caráter fechado e as narrativas produzidas por elxs, quando estxs se manifestaram nas respostas de caráter aberto tecendo comentários e criando inteligibilidade sobre as questões levantadas, como pode ser visto no fluxograma:

Figura 1 - Secretariado e Estudos *Queer*



Fonte: dados da pesquisa (2019).

Primeiro, para tratar das questões que envolvem os estereótipos na área secretarial propus analisá-los em relação às técnicas secretariais, discussão disposta no primeiro eixo de análise. Amparada por outros estudos que já discorreram sobre estas questões (ver Nonato Júnior, 2009), reitero que as atividades técnicas secretariais envolvem assunções equivocadas e essencialismos sobre o campo do secretariado.

Tais assunções são definidas por Nonato Júnior (2009, p. 125) como “obstáculos epistemológicos”; são obstáculos na medida em que criam empecilhos para o desenvolvimento científico da área, sobretudo porque envolvem concepções apriorísticas e sem fundamento teórico sobre o caráter extremamente técnico da mesma, indicando o equívoco de que o secretariado não necessita de fundamentação teórica ou de esquemas metodológicos complexos para a produção de saberes.

O principal argumento sobre este equívoco é o fato do secretariado estar vinculado às Ciências Sociais Aplicadas e o termo “aplicadas” pode estar sendo usado para gerar confusão sobre a natureza dos conhecimentos produzidos pelas assessorias. Nesse sentido, o caráter “aplicado” (p.131) das ciências secretariais, é influenciado por um “ideologia empirista” (p.131), a qual desconsidera a qualificação científicista do campo que nela está inserido, neste

caso, não apenas o secretariado estaria submetido a este equívoco, como também outros campos de saber que têm em suas bases a condição aplicada de sua atividade intelectual (NONATO JÚNIOR, 2009).

De acordo com Nonato Júnior (2009, p.132), o discurso que dicotomiza a técnica em relação à teoria indica que “há uma falta de entendimento sobre a noção de aplicação do conhecimento” nas áreas das Ciências Sociais Aplicadas. No entanto, o autor afirma que a produção de conhecimento e a sua aplicabilidade demandam de metodologias de análise e produção de dados extremamente complexas. A mesma posição é tomada nesse trabalho, uma vez que a produção de dados em determinada área, quer seja de caráter técnico ou não, requer uma análise profunda deles, associada, ainda, a conceituação e teorização, conferindo ao campo do secretariado legitimidade científica, a qual tem sido protagonizada por diferentes teóricxs da área. Estes esforços reiteram as trajetórias epistemológicas e ajudam a refletir sobre a natureza dos conhecimentos produzidos no interior do secretariado (HOELLER, 2006; DURANTE, 2012; SILVA; FERRAZ; CAMARGO, 2013; dentre outrxs).

Com base nessa reflexão, o segundo eixo proposto tratou da produção de estereótipos na área secretarial e a relação destes com o exercício das técnicas secretariais, ou seja, os estereótipos estão intimamente ligados à aplicação dos conhecimentos técnico-tático operacionais no assessoramento direto, isto é, o trabalho orgânico de umx secretárix, sendo aquele que envolve as rotinas de leitura, interpretação, revisão ortográfica e escrita de documentos, comunicação e organização de eventos, dentre outras.

De acordo com xs participantes da pesquisa, observei que os estereótipos relacionados a área secretarial reiteram atividades estereotipadas que remetem aos ‘cuidados’ de um escritório, por exemplo, como “servir o café” (4 respostas), “atender ao telefone” (1 resposta) e trabalhar no “arquivo” (2 respostas). Embora estas atividades possam ainda ser vistas de maneira estereotipada pela sociedade, elas estão incluídas como atividades técnicas e táticas de assessoramento; trata-se do “conhecimento produzido no contato direto com as técnicas e tecnologias secretariais, as ferramentas profissionais e as rotinas básicas de escritório” (NONATO JÚNIOR, 2009, p.157). Atividades extremamente relevantes para o funcionamento de qualquer organização.

Outro obstáculo epistemológico suscitado nos questionários incide sobre a falsa demanda ao ‘gênero feminino’, entendido como gênero exclusivo para o exercício da profissão. No questionário, essa questão recebeu 22 respostas afirmativas e indicou outros elementos partícipes dessa pressuposição, como discursos que incitam a produção de insultos e

preconceitos. Assim, entendo que os temas “técnicas secretariais”, “estereótipos” e “preconceitos” se relacionam e, por isso, não se dicotomizam na análise, ao contrário, eles apontam para a questão central do trabalho.

Em outras palavras, com base nas respostas, entendo que a criação de um gênero idealizado suscita discursos preconceituosos e insultos em relação aos profissionais de secretariado. Ainda no terceiro eixo, uma questão latente nas respostas das participantes apontou para o fato de haver discursos de submissão/inferiorização em relação ao campo do secretariado, tema que obteve unanimidade de respostas afirmativas.

Conforme as perguntas abertas, os alunos responderam que a submissão/inferiorização remete a “não poder exercer o cargo de chefia” (1 resposta), por exemplo, ou ainda, estudar para ser “secretária de filme adulto” (1 resposta), “secretária amante do chefe” (6 respostas), “forma de se vestir” (1 resposta) e atribuição da beleza padronizada como demanda para atuar na profissão: “secretariado é o curso das bonitinhas” (1 resposta).

Podemos ainda incluir as “cantadas” (1 resposta) recebidas no ambiente de trabalho, o fato de os “homens não podem exercer a profissão” (1 resposta) ou quando há homens atuando como secretários, eles indicam que o secretariado é uma “profissão de gays” (2 respostas) e, por fim, a preocupação com a inferiorização de “pessoas mais velhas” (1 resposta) exercendo a profissão. Estas respostas indicam que há uma relação direta com assédio sexual, moral, entre outros. A questão geracional levanta a possibilidade de realizar pesquisas que focalizem os marcadores etários e seus efeitos na construção de identidades profissionais. Devido aos limites de tempo e espaço, aponto estas questões como possibilidades de estudos futuros.

A tríade (técnicas secretariais, estereótipos e preconceito) permitiu afirmar que há uma hipersexualização da área secretarial, intimamente relacionada ao gênero dito feminino, disposta no quarto eixo de análise, como indicou a figura 1. Desse modo, associei as questões abordadas acima à hipersexualização do campo do secretariado conforme as respostas geradas nos questionários.

Pode-se dizer que a questão da hipersexualização das mulheres é antiga no imaginário social. Segundo Fabrício (2013, p.158) a construção estereotipada da mulher remonta ao processo de colonização em que as mulheres brasileiras eram vistas como “objetos sexuais, escravas sexuais e marcadas por uma sexualidade exótica”. Estes discursos colonialistas produziram essencializações que ainda reverberam na sociedade atual, construindo um esquema classificatório associado ao “gênero, sexualidade exotizada e insinuante, etnicidade e nacionalidade” (p. 159).

Estas citações reforçam o obstáculo epistemológico da “experiência primeira em secretariado”, como propõe Nonato Júnior (2009, p.142). Segundo o autor, ideais tradicionais balizadores de uma experiência generificada propõem-se imutáveis, ou seja, são discursos hegemônicos normalizados por dispositivos reguladores que se fazem passar por verdadeiros; ainda que outros discursos se proliferem indicando mudanças, tais discursos são responsáveis por uma percepção equivocada de que o secretariado seria uma área exercida por “esposas, filhas e amigas dos chefes das empresas” (p.143).

Esta percepção levaria ao falso entendimento de que a natureza do conhecimento em secretariado advém da ‘experiência primeira’ do gênero dito feminino em relação ao trabalho doméstico, esse subalterno e de menor relevância/prestígio social (NONATO JÚNIOR, 2009). No movimento reflexivo aqui proposto, xs acadêmicxs do curso estão sinalizando “práticas repetitivas de estigmatização” (FABRÍCIO, 2013, p. 160), reforçando a demanda pela problematização destas questões, como foi indicado nos questionários.

A noção de uma sexualidade exacerbada, ou seja, a hipersexualização dos corpos é discutida por Melo e Moita Lopes (2014), autorxs situadxs no campo da Linguística Aplicada que problematizam a sexualidade homoafetiva como aquela estigmatizada no ocidente moderno, ou ainda, quando associada aos corpos ébanos possui um caráter de desvio das práticas não heterossexuais e, por isso, é considerada exacerbada.

A pesquisa de Melo e Moita Lopes (2014) focaliza a questão da hipersexualização dos corpos negros, especialmente os corpos das mulheres negras. Ao estudar discursos sobre a sensualidade e sexualidade das mulheres negras, sentidos estigmatizados são reiterados em citações como “boas de cama, gostosas, fogosas ou, [...] irresistíveis, atração para o pecado (masculino)” (p. 546). Estes discursos estão solidificados na sociedade e colaboram para a produção do estereótipo da hipersexualização, pelo qual os corpos negros femininos passam a ser vistos como “objeto sexual” (p.546).

Diante desta reflexão, entendo que os corpos dito femininos passam a sofrer os efeitos da hipersexualização – enfatizando que os efeitos do racismo e do machismo são diferentes em relação às mulheres negras – justamente porque estes discursos inferiorizam os sujeitos e ajudam a reforçar estereótipos que se fazem presentes nos tempos atuais. Talvez isso ocorra porque certos corpos compartilham da experiência de terem nos corpos (de mulheres) as marcas da opressão heteropatriarcal⁵.

⁵ A opressão heteropatriarcal está relacionada à subordinação das mulheres pelas culturas masculinistas hegemônicas. É importante destacar que essa noção não pode ser dissociada da “constituição de classe, raça, etnia

Retomando às questões do questionário, indaguei se xs participantes da pesquisa conheciam pessoas não-binárias ou transgêneras/*queer* atuando no campo do secretariado. Essa pergunta obteve 25 respostas negativas e 3 afirmativas, ou seja, três acadêmicxs afirmaram conhecer pessoas não-binárias/trans/*queer* trabalhando na área. A última pergunta indagou como elxs pensavam a inserção de pessoas não-binárias (trans/*queer*) no mercado de trabalho secretarial. Todxs xs participantes afirmaram ser relevante e necessário compartilhar a profissão com grupos minoritarizados, como as minorias de gêneros e sexualidades LGBTQIA+.

Dada a relevância do tema, propus analisar estas questões no quinto eixo. Com base na abordagem *Queer*, procuro refletir sobre a desconstrução dos estereótipos no campo do secretariado, sobretudo porque o *Queer* pauta a negação da essencialização e essa atitude pode ajudar a desconstruir o caráter generificado que ainda perdura na área secretarial. Além disso, os aportes *Queer* potencializam práticas de resistência aos postulados hegemônicos, contribuindo para o combate a discursos preconceituosos, insultos e às maneiras violentas como muitxs secretárias e secretários ainda são percebidxs na sociedade.

Ao olhar para os desvios e corpos desviantes das normativas sociais, o *Queer* passa a questionar e estranhar qualquer assunção que pretenda ser verdadeira (SULLIVAN, 2003). A problemática em torno de discursos que produzem estereótipos sobre gêneros e sexualidades, pelo *Queer* são passíveis de questionamento, no sentido de que é a partir da anormalidade que as subjetividades são construídas e, por isso, consideradas desviantes.

No *Queer* não mais a exclusão é o cerne da questão, mas sim como a partir da abjeção as subjetividades são construídas. As estratégias utilizadas pelos corpos ‘anormais’ são ao mesmo tempo hiperidentitárias e pós-identitárias porque fazem uma utilização máxima dos recursos políticos da produção performativa das identidades dissidentes. Estas pós-identidades são os corpos soropositivos, as sapatas, bichas, travestis, transexuais, deficientes etc. e a partir destas posições enunciativas criam-se lugares de resistência que tencionam o universal, o hétero, o branco, o humano (PRECIADO, 2003).

A multidão *queer* não tem relação com um “terceiro sexo” ou com um “além dos gêneros”. Ela se faz na apropriação das disciplinas de saber/poder sobre os sexos, na rearticulação e no desvio das tecnologias sexopolíticas específicas de produção dos corpos “normais” e “desviantes” (PRECIADO, 2003, p.16).

e outros eixos de relação de poder, os quais tanto constituem a “identidade” como tornam equívoca a noção singular de identidade” (BUTLER, 1990, p. 22).

O termo Multidões *Queer* é uma analogia ao Império de Negri e Hardt (2000), com isto Preciado entende as multidões *queer* a partir dos corpos desviantes da matriz heterossexual, que ao se rebelarem constituem uma multidão de corpos dissidentes. A multidão *queer* é, portanto, assimétrica e heterogênea. Isso quer dizer que a política da multidão *queer* não se pauta pelas identidades, nem pelas práticas (heterossexuais/homossexuais), mas responde a uma multiplicidade de corpos revoltos aos regimes que os constroem como normais ou anormais. “O que está em jogo é como resistir ou como desviar das formas de subjetivação sexopolíticas” (PRECIADO, 2003, p.16).

Esta abordagem pode ser tomada como um ponto de partida para refletir sobre o campo do secretariado, na medida em que a área vem sendo alvo de essencialismos e até preconceitos em torno das performances de gênero de suas/seus profissionais. Os aportes *Queer* podem orientar a produção de sentidos que ajudam a refutar os estereótipos, ao mesmo tempo em que amplia o debate sobre gêneros e sexualidades na contemporaneidade.

A abordagem *Queer* ajuda a criar inteligibilidade sobre as identidades profissionais, tendo em vista as respostas de 3 participantes da pesquisa, as quais afirmaram conhecer pessoas de gêneros e sexualidades não-normativas atuando na área secretarial, ou seja, o fato de haver corpos *queer*, transexuais, transgêneros e travestis inseridxs no mercado de trabalho, além de apontar para a problemática tratada neste estudo, pode potencializar transformações sociais.

Em suma, a relação entre os Estudos/Teoria *Queer* e o Secretariado tem o potencial de produzir um debate sobre as modificações contemporâneas que direcionam outros modos de negociar sentidos sobre quem somos. Este diálogo produz outras demandas para o campo de saber-poder das assessorias, indicando como podemos criar novas posturas que sejam condizentes com o avanço profissional e intelectual no campo do secretariado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como acadêmicxs do curso de Bacharelado em Secretariado Executivo da UNICENTRO criam inteligibilidade sobre noções de gêneros e sexualidades em relação a sua atuação profissional. Nesse sentido, o diálogo entre o campo dos Estudos/Teorias *Queer* e o Secretariado Executivo se mostrou profícuo, no sentido de que a relação entre as duas áreas ajuda a refletir sobre como as categorias de gêneros e sexualidades constroem posições de sujeito e que tais posições são negociadas e tensionadas na atuação profissional.

Este estudo apontou para a demanda em considerar que somos constituídxs discursivamente pela intersecção de raça, gênero, sexualidade, classe social, nível de escolaridade, idade, atuação profissional (dentre outros). Alguns destes construtos foram estudados com base na teoria da performatividade (BUTLER, 1990), pela qual entendemos que ser mulher, homem, gay, lésbica, trans, negro, branco etc., está relacionado à identificação e à política e, por isso, são categorias entendidas como construções discursivas, efeitos de processos sócio-histórico-políticos.

Dito isto, o entendimento ‘performativo’ destas criações tem o potencial de desconstruir discursos que produzem estereótipos, insultos, segregação e violência. Ao focalizar a questão dos gêneros e das sexualidades no âmbito do Secretariado Executivo, esta pesquisa tem o potencial de contribuir para a compreensão de que, nas práticas sociais, podemos produzir outras inteligibilidades sobre quem somos e de como somos ‘lidxs’ ou vistxs.

Este reposicionamento subjetivo ajuda a problematizar as dicotomias hegemônicas de gêneros e sexualidades, ampliando o debate sobre os obstáculos epistemológicos que ainda ressoam na área secretarial. Tais obstáculos limitam o avanço da área e a sua problematização vai ao encontro das lutas por práticas sociais mais éticas, as quais possibilitam transformar a violência gerada por insultos, estereótipos, assédios e a hipersexualização do campo do secretariado em potencialidades para a sua transformação.

Vale destacar a importância de pautar esse diálogo em âmbito acadêmico, para que novos estudos relacionados ao tema sejam produzidos, ou ainda a possibilidade de replicar a pesquisa em outras instituições.

AGRADECIMENTOS

Sou grata à UNICENTRO pelo financiamento desta pesquisa na modalidade de Projeto de Pesquisa Isolado (PQI), aprovado pela Resolução N° 026-CONSET/SESA/G/UNICENTRO, de 27 de abril de 2017, no âmbito da Resolução N° 59-CEPE/UNICENTRO, de 16 de setembro de 2011.

REFERÊNCIAS

BARROS, C. M. P.; IZEQUIEL, D. S. A.; SILVA, J. S. Os desafios enfrentados pelo profissional de secretariado executivo do gênero masculino nas organizações contemporâneas. **Revista Gesec**, São Paulo, v. 2, n. 1, 2011.

- BOLZAN, R. L. **Desafios e preconceitos enfrentados por estudantes e profissionais de secretariado executivo, destacando o preconceito pelo sexo masculino**. 2010. Disponível em: https://fenassec.com.br/pdf/xxvii_oral_3_lugar.pdf. Acesso em: 31 out. 2020.
- BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, v. 43, jul./dez., 2014.
- BORBA, R.; LOPES, A. Escrituras de gênero e políticas de *différance*: imundície verbal e letramentos de intervenção no cotidiano escolar. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.21, n. esp. VIII SENALE, p. 241-285, 2018.
- BUTLER, J. **Gender trouble**. Feminism and the Subversion of Identity. New York; London: Routledge, 1990.
- DURANTE, D. G. **A pesquisa em secretariado: cenários, perspectivas e desafios**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.
- FABRÍCIO, B. F. A “outridade lusófona” em tempos de globalização: identidade cultural como potencial semiótico. In: MOITA LOPES, L. P. **O português no Século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1972] 2016.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- HIRAMOTO, M. **Who’s really normal?** Language and sexuality in public spaces. National University of Singapore: Singapore, 2015.
- HOELLER, P. A. F. A natureza do conhecimento em Secretariado Executivo. **Revista Expectativa**, Unioeste, v. 5, n.1, 2006.
- LEÓN, A. Os labirintos do desejo: desenhando uma metodologia anarcoqueer. **Revista de Ciências Sociais**, n. 36, abr., 2012.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- MEDEIROS, J. B.; HERNANDES, S. **Manual da Secretária: técnicas de trabalho**. 12 ed. São Paulo: Atlas, 2010, 392p.
- MELO, G. C.V.; MOITA LOPES, L.P. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. **Língua(gem) em Discurso**, v. 3, p. 653-673, 2014a.
- MELO, G. C.V.; MOITA LOPES, L.P. A Performance Narrativa de uma blogueira: “tornando-se preta em um segundo nascimento”. **Alfa**, São Paulo, 58 (3): 541-569, 2014b.
- MISKOLCI, R. Abjeção e desejo. Afinidades e tensões entre a teoria queer e a obra de Michel Foucault. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A (orgs). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

MOITA LOPES, L. P. **O português no Século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

NONATO JÚNIOR, R. **Epistemologia e teoria do conhecimento em secretariado executivo: a fundação das ciências da assessoria.** Expressão Gráfica: Fortaleza, 2009.

PRECIADO, P. **Multidões Queer: notas para uma política dos anormais.** Universidade Paris VIII, 2003.

SCHULTZ, E. G., SOARES, J. V., NUNES, M. V., VAZ, C. F. M. O perfil, os desafios e as perspectivas do sexo masculino na área secretarial. **Revista Expectativa**, Unioeste, v. XIV, n.14, 2015.

SILVA, M.; FERRAZ, R.; CAMARGO, M. A natureza do Secretariado Executivo como ciência prática. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, Unioeste, v.13, n. 25, 2013.

SPARGO, T. **Foucault e a teoria queer.** Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

SULLIVAN, N. **A critical introduction to queer theory.** New York: New York University Press, 2003.